

Zélia assume atitude defensiva

Depois de pressões dos países ricos, ministra tenta explicar por que País não paga juros

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, assumiu ontem um tom mais defensivo com relação à estratégia de negociação da dívida externa brasileira. A ministra, que na véspera respondera às pressões dos países ricos com um duro discurso perante o comitê interino do Fundo Monetário Internacional, disse ontem que estava empenhada numa "missão pedagógica", para explicar as dificuldades do País para pagar os juros atrasados da dívida externa. "Precisa mudar a imagem. Existe uma imagem no Exterior de que o Brasil é um país riquíssimo, que pode pagar mas não quer pagar. O Brasil quer pagar, mas não pode pagar", afirmou Zélia. "Estou mostrando os nossos números. Há uma falta de compreensão muito grande sobre os números", acrescentou.

Paralelamente, o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, iniciou uma série de consultas a representantes das nações industrializadas, numa tentativa de evitar danos e recolocar o acordo do Brasil com o FMI nos trilhos da aprovação pela diretoria da instituição. O diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, reafirmou ontem que precisa estar convencido de que as negociações do Brasil com os bancos se encontram firmemente lança-



Reuter

Zélia e Eris: "missão pedagógica" para explicar dificuldades

das e têm boas perspectivas de solução satisfatória antes de ativar o processo de aprovação do programa econômico.

Eris reuniu-se com altos funcionários dos bancos centrais e ministérios das Finanças dos países do Grupo dos Dez (os sete mais ricos mais Holanda, Bélgica, Suíça e Suécia). No encontro, organizado pelo presidente do Banco da França (e ex-diretor do FMI), Jacques de Larosière, o presidente do BC falou da disposição brasileira de negociar com os bancos, mas explicou as limitações da capacidade de pagamento do País. Segundo fonte de um dos governos presentes à reunião, a mensagem transmitida a Eris é a de que o Brasil não perca a oportunidade do encontro com o comitê de bancos (previsto para dia 10) para iniciar entendimentos em bases aceitáveis. O funcionário disse que os números brasileiros revelam capacidade de pagamento. Disse que a boa vontade com o Brasil está acabando e criticou a atitude do governo do condicionar o reini-

cio dos pagamentos a uma conclusão das negociações com os bancos.

Numa indicação de que este será o nó da conversa com os bancos, o presidente do Deutsche Bank, Hilmar Kopper, afirmou ontem que, "se o Brasil e outros países em situação similar não retomarem os pagamentos de juros e não demonstrarem sua disposição de cooperar, negociações sobre o reescalonamento de débitos não serão oportunas, por causa de sua flagrantemente quebra de contrato". Willard Butcher, o presidente do Chase Manhattan Bank, insistiu no mesmo ponto. Para Butcher, "o importante é que o Brasil comece a negociar com os bancos de uma maneira sensata" e retome os pagamentos de juros.

Ibrahim Eris, informaram fontes, deve reunir-se com o subsecretário do Tesouro americano, David Mulford, como parte das articulações para o início das negociações com bancos credores, no dia 10.